

A carreira não precisa ser nociva à saúde

Uma psicóloga fala dos motivos que podem levar um executivo bem-sucedido a precisar de terapia

por Paulo Trevisani Jr.
de São Paulo

Bom mesmo é ser rico e com saúde. Difícil é preservar a saúde quando se quer chegar ao topo da carreira — lá onde estão os milhões de dólares por ano. Talvez mais difícil do que preservar a saúde seja manter por perto pessoas importantes, como esposa e filhos.

Algumas pessoas que chegam ao topo acabaram indo parar no divã de Aurea Roitman, psicóloga de linha junguiana, 25 anos de profissão e que há cerca de oito anos vem tendo como clientes executivos de alto nível. São uma clientela exigente, que cancela sessões na última hora, alegando uma reunião de emergência com o presidente da companhia, por exemplo. Mas que nem sempre tem o mesmo zelo com a vida privada.

Não existe sucesso sem ambição. Essa pode ser uma qualidade — ou uma armadilha. Com o que ouve dos executivos, Roitman tem observado que o sucesso profissional — e, claro, a fama e a fortuna conseqüentes — podem servir para camuflar as fraquezas de uma pessoa bem-sucedida.

“Todo executivo julga-se um Senhor do Universo”, arrisca a psicóloga, usando a expressão criada pelo escritor americano Tom Wolfe no romance “Fogueira das Vaidades”, que narra a decadência de um “chairman” ironicamente chamado Sherman. E essa auto-imagem não surge à toa.

Toda empresa que se preze quer recompensar, com dinheiro e elogios, um talento que promete ganhar uns milhões a mais para os sócios. Alguns desses talentos acabam acreditando demais nos elogios, e com esse estratagema disfarçam seus pontos fracos.

A PRIMEIRA PONTE DE SAFENA

Roitman diz que esse grupo geralmente tem problemas de relacionamento afetivo e sexual. Não que necessariamente esses problemas sejam consequência do trabalho — mas a profissão bem-sucedida serve para camuflá-los, como quem joga a sujeira para debaixo do tapete.

Aí chega o dia em que o sujeito olha para o lado e vê que o casamento foi para o brejo, os filhos estão viciados em drogas ou álcool e dramas do tipo. Mesmo

com a conta bancária indo muito bem, obrigado, o rompimento dos laços afetivos acaba sendo o golpe que leva o Senhor do Universo a procurar terapia.

Na verdade, o que se procura no divã é uma assistência para encarar os próprios limites (pois é, até quem está no topo os tem) e tentar reatar os laços perdidos. Ou recuperar a saúde física. Segundo Roitman, muitos de seus clientes perceberam que estava na hora de cuidar do espírito logo depois de implantar a primeira ponte de safena.

Em geral, ainda dá tempo, garante a psicóloga. E, melhor ainda, é possível continuar na lista dos melhores em sua profissão. “O estresse só atrapalha quem precisa tomar decisões. Estar em harmonia consigo mesmo pode ser uma forma de ganhar força para a competição”, diz Roitman, que já teve um cliente presidente de empresa, o qual, de-



Aurea Roitman

pois de algum tempo de terapia, recomendou a seus subordinados que também procurassem um psicólogo.

Roitman tem um argumento que pode ser mais convincente: “É preciso competir de forma que a vitória fique na mão, e não escorra pelo vão dos dedos”.

Quem está muito bem “ranqueado”, mas perdeu saúde e família, pode ter perdido o melhor do sucesso. No entanto, Aurea Roitman também já viu quem conseguisse conduzir bem as duas coisas. Ou seja: tranquilidade e sucesso não necessariamente se anulam. Por que, então, tanta gente sacrifica um para ter o outro?

Roitman acha que a diferença está na humildade. A escalada até o topo da carreira profissional deve ser acompanhada por uma constante noção dos próprios limites. “Até um Senhor do Universo tem de reconhecer que não é bom em algumas coisas”, reco-

menda a psicóloga. Bem, o mundo do sucesso não é formado só por homens heterossexuais. Homossexuais também estão lá e têm problemas parecidos com os dos heteros, segundo Roitman. Mas há algumas diferenças quanto às mulheres.

O CASO DAS EXECUTIVAS

A experiência de Roitman tem mostrado que as executivas não rompem tão facilmente os laços afetivos. Afinal, mudar de mulher é bem mais fácil que mudar de marido. Além do que a ligação com os filhos é mais intensa em relação à mãe. E aqui não se trata exatamente de ficar muito tempo com eles.

A psicóloga acha que uma executiva não precisa ficar fora do trabalho durante a infância dos filhos — o que prejudicaria seriamente a carreira. “O importante é que o tempo de convivência, ainda que curto, seja de boa qualidade”, pensa.

Roitman tem conhecido executivos que, mesmo bem-sucedidos profissionalmente, não conseguem responder a uma pergunta aparentemente simples: o que você gosta de fazer? Além de

trabalhar, é claro. Descobrir um hobby pode ser um caminho para recompor a personalidade bombardeada pela competição. “Tenho uma paciente que faz mergulho submarino e diz que essa é uma forma de mergulhar no silêncio”, exemplifica.

Muita gente se senta diante da psicóloga e diz que a vida está em pandarecos por culpa da mulher, dos filhos, da sociedade. É um gesto típico dos “senhores do universo”. E a coisa pode ficar ainda mais grave por causa da reengenharia.

É, o pior de tudo é ficar pobre e sem saúde. “É como se o chão faltasse sob os pés, a única área de auto-afirmação some quando o executivo vai para a rua”, lembra a psicóloga. Junto com o carro devolvido à empresa vai uma parte do profissional — talvez a única ainda inteira.

Roitman está certa de que não vale a pena correr esse risco. A psicóloga defende a tese de que um profissional, mesmo sendo ambicioso (“Eu também sou”, ela reconhece) deve saber onde pode chegar sem ter de se anular. “Quem quer vencer precisa estar preparado para, às vezes, perder.” ■